

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Rywah Rosidaire Mendes

**PESQUISA ESCOLAR:  
Compondo um *Blog* de suporte**

**Belo Horizonte  
2012**

**Rywah Rosiclaire Mendes**

**PESQUISA ESCOLAR:  
Compondo um *Blog* de suporte**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Elisa de Araújo Grossi

**Belo Horizonte  
2012**

XNINx

MENDES, Rywah Rosidaire

Pesquisa Escolar: compondo um *blog* de suporte / Rywah Rosidaire Mendes. - UFMG/FaE/LASEB, 2012. 41f., enc.

Plano de Ação - (Curso de Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, julho, 2012.

Orientação: Prof. Ma. Maria Elisa de Araújo Grossi, Centro Pedagógico/EBAP/UFMG

1. Leitura – Plano de Ação. 2. Pesquisa escolar. 3. Biblioteca escolar. 4. *Blog* educativo. I. Pesquisa Escolar: compondo um *blog* de suporte.

CDD - XXX.XXX

**Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG**

**Rywah Rosiclaire Mendes**

**PESQUISA ESCOLAR:  
Compondo um *Blog* de suporte**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Elisa de Araújo Grossi

Aprovado em 14 de julho de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Maria Elisa de Araújo Grossi – Faculdade de Educação da UFMG

---

Kely Cristina Nogueira Souto – Faculdade de Educação da UFMG

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores, colegas de curso e funcionários do LASEB/FaE, sem os quais não haveria a aprendizagem, a troca proveitosa e o suporte para a realização deste trabalho. Às colegas de trabalho, na biblioteca, Deise Arantes e Giuliana Guimarães pelo apoio, compreensão e estímulo. À professora Maria Elisa de Araújo Grossi pelo cuidado, paciência e atenção, sempre presentes. À minha família, pela liberdade a mim concedida, desde a infância, para ler, estudar e pesquisar o que bem quisesse, sem cobranças.

*As atitudes dogmáticas são o antônimo  
perfeito de práticas pedagógicas.*

**Marcos Bagno**

## RESUMO

Este Plano Ação contempla a pesquisa escolar, por meio da criação de um *Blog* de intervenção voltado para o tema, que tem por objetivo auxiliar nosso trabalho de mediação com os estudantes que frequentam a biblioteca da Escola Municipal Santa Terezinha, em Belo Horizonte. Para tanto, são analisados os problemas decorrentes da frequente má compreensão do papel da pesquisa escolar entre todos os envolvidos no processo educativo e em que isso se relaciona com a escola e a nossa função, como profissional de biblioteca, no processo educativo. São apontadas as práticas, os recursos e as possibilidades de uma boa produção de pesquisa escolar, especialmente em tempos de Internet, e como um *Blog* pode comportar vários elementos de intervenção e contribuir para o letramento informacional dos alunos. Fica explícito que a pesquisa escolar bem realizada somente é possível se contemplar os seus estágios elementares, em uma atuação pedagógica conjunta da escola. Cabe a nós, profissionais de biblioteca, o exercício da mediação para dar o suporte necessário aos alunos durante a busca e organização das informações.

**Palavras-chave:** Pesquisa escolar, Biblioteca escolar, *Blog* educativo

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	13
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	23
3.1 Objetivo geral .....	23
3.2 Objetivos específicos .....	23
<b>4 DESENVOLVIMENTO</b> .....	24
4.1 Roteiro de pesquisa escolar .....	24
4.2 Características de um <i>Blog</i> de educação .....	26
4.3 O <i>Blog</i> como instrumento de mediação nos estágios da pesquisa escolar .....	28
4.4 Páginas de pesquisa escolar na internet .....	30
4.5 Conteúdos e elementos de composição do <i>Blog</i> .....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42



## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa acadêmica ou escolar sempre foi assunto do meu interesse por dois motivos: porque gosto de pesquisar, tanto que me formei pesquisadora de História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e porque lidar com alunos que fazem pesquisa é meu ofício na rede pública de ensino de Belo Horizonte, na qual exerço o cargo de Auxiliar de Biblioteca na *Biblioteca Comunitária Dr. Renato Azeredo*, da Escola Municipal Santa Terezinha. Levando em consideração que o papel mais importante da escola não é de transmitir conteúdos, mas *ensinar a aprender*, ou seja, “criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes do conhecimento que estão à disposição na sociedade”, cumprindo o dever de bem orientar os alunos, especialmente em relação à pesquisa escolar (BAGNO, 2007, p. 14), realizar este Plano de Ação foi um exercício de aprendizagem e uma oportunidade de instrumentalizar-me, no ambiente de trabalho, para atender com mais versatilidade à demanda dos usuários por fontes de pesquisa impressas ou virtuais. Significou a chance de contribuir para que os estudantes, da própria escola ou da comunidade em geral, possam realizar uma pesquisa escolar mais proveitosa. A pesquisa escolar é um exercício e método para a autonomia intelectual, um meio para o livre pensamento. Assim, devemos mostrar que pesquisar é muito mais do que coletar uma informação, ainda mais aleatoriamente, ou apresentar um trabalho apenas como garantia de uma nota a mais.

Inspirou-me a lembrança, sempre presente neste meu ofício de mediadora do processo de aprendizagem, da experiência que tive quando menina na então 4ª série primária, aliás, a minha primeira experiência de pesquisa marcante na escola. Nossa professora dividiu a turma em três grupos para fazer um trabalho de História do Brasil. Um grupo ficou com o tema do Brasil Colônia, outro com Brasil Império e outro grupo, no qual fui inserida, com Brasil República. Um tema generalizado demais e sem recortes previamente definidos pela professora. Sem qualquer aula prévia ou posterior para introduzir um tema tão vasto, sem indicação de bibliografia, e ao menos, tamanho de páginas, fui, segundo o meu sentir de onze anos de idade, incumbida de uma grande responsabilidade. Perdida, com meus colegas debandando dos encontros em minha casa, pois não conseguíamos chegar a um

acordo para nada, cheia de livros didáticos de séries mais adiantadas e até mesmo do Ensino Médio, que obtive emprestado na biblioteca municipal, também sem qualquer orientação, tive que concatenar os assuntos que me pareciam aleatórios e desconexos, talvez por estarem abstratos demais para minha idade escolar. Além disso, redigir com letra bonita e inserir figuras, preparar capa, tudo para dar uma boa apresentação visual, o que parecia o mais importante em sala, exigiu muito de mim. Minha mãe, professora na mesma escola e sobrecarregada com a dupla jornada de trabalho no lar, provavelmente nem tomou conhecimento do meu trabalho e, então, sozinha, entreguei o trabalho em nome do meu grupo. Diante dos trabalhos dos dois outros grupos, um me pareceu impecável, com capa luxuosa verde com frisos dourados e figuras, tristemente recortadas da coleção *Grandes Personagens da Nossa História*. O outro sequer vi. A única coisa que obtive – não me lembro da nota, foi, para minha vergonha, uma observação em tom jocoso da professora, quando a indaguei sobre o que achou: “os plásticos estavam todos mal arranjados na pasta...”. De fato, tive grande dificuldade para furá-los...

Realmente, não sei se consegui, sozinha, apreender algo do conteúdo que penosamente recolhi dos livros. O trabalho não nos foi devolvido pela professora para que eu pudesse, quem sabe um dia, avaliá-lo. Depois dessa experiência, que eu não sei avaliar se foi desastrosa ou, ao final, proveitosa, poderia ter passado a não gostar de pesquisa escolar e da matéria de História. Porém, a curiosidade e o interesse sempre me moveram e, por si mesmos, superaram os contratempos da infância e me levaram justamente ao curso de História, que me deu a oportunidade de descobrir a importância do labor de uma pesquisa em todas as faixas escolares. Mas não sabemos quantos alunos que, diferentemente de mim, passaram a desgostar da pesquisa na sua trajetória escolar devido a más experiências, e a quantos faltaram e faltam desenvolver a habilidade para realizar uma pesquisa proveitosa e não penosa, nas mais triviais situações cotidianas. Mas, de qualquer forma, atingindo a maioria escolar, muitos estudantes, especialmente na faculdade, são defrontados um dia com a necessidade de saber fazer uma pesquisa e apresentar corretamente um trabalho e, então, em muitos casos, aprender às pressas, passa a ser a tônica. E, muitos, nem sequer desconfiando que este labor é

o principal instrumento que lhes dará a autonomia para lidar com informações ou gerenciar um conhecimento especializado no competitivo mercado de trabalho atual.

Nessa perspectiva, apresentamos aqui as palavras de Abreu sobre a situação da pesquisa escolar atualmente:

Pesquisa escolar é tema contraditório. Existe uma concordância generalizada entre os educadores de que a pesquisa escolar é uma excelente estratégia de aprendizado, pois permite maior participação do aluno nesse processo, o que o leva a construir seu próprio conhecimento. Aproxima o estudante da realidade e lhe permite trabalhar em grupo, ao mesmo tempo em que individualiza o ensino. Mas na realidade a situação é bem diferente: ninguém está satisfeito com a pesquisa escolar. [...] Paineis realizados na Escola de Ciência da Informação da UFMG com professores e bibliotecários de escolas de Belo Horizonte revelou o descontentamento desses profissionais com os rumos que a pesquisa escolar tem tomado nas escolas, hoje em dia. Os professores reclamam que os alunos simplesmente copiam trechos de enciclopédias. Os bibliotecários queixam de que, por não conhecerem antecipadamente os temas das pesquisas solicitadas, não têm condições de preparar-se adequadamente para atender aos alunos que vão em busca de informação – geralmente é uma classe inteira procurando um mesmo assunto. Constataram, ainda, que os alunos não sabem o que pesquisar, pois os professores não os orientam efetivamente e não estabelecem, com clareza, os objetivos do trabalho. Os bibliotecários observam que os alunos se mostram confusos quando chegam à biblioteca, ficando evidente que eles não estão satisfeitos. Os pais também são vítimas desse processo, pois muitos fazem o trabalho escolar no lugar dos filhos, segundo os professores (ABREU, 2005, p. 25-26).

É, portanto, com todas essas implicações presentes que desenvolvemos um Plano de Ação calcado na prática da pesquisa escolar, seus procedimentos e elaboração, cuja relevância, nas palavras de Bezerra, está em ser “uma ferramenta de aprendizado para o educando se familiarizar com algumas habilidades, além de ação que o favorecerá na vida acadêmica – principalmente na iniciação científica.” (BEZERRA, 2008, p. 1). Visamos com este Plano de Ação contribuir para que os estudantes, com os quais lidamos, possam ter uma experiência positiva com a pesquisa, por meio do uso do espaço e do acervo da biblioteca, bem como das ferramentas de informação. A pesquisa deve ser compreendida “como recurso metodológico com propriedades para a construção da aprendizagem no processo de formação da competência humana” (CASTRO, 2008, p. 135) e não pode ser usada como um ato meramente reprodutivo de conteúdo, calcado no pensamento de

terceiros. A biblioteca escolar é, por isso, necessária para reverter a prática das cópias, pois sendo um centro de recursos para busca e uso da informação, é co-ativa no processo pedagógico, devendo funcionar como um “laboratório de aprendizagem e o bibliotecário, um facilitador dessa aprendizagem.” (idem)

Vale salientar que a nossa transferência como auxiliar de biblioteca de uma pequena escola da Educação Infantil para uma biblioteca escolar que fica aberta para uso da comunidade em geral, e não necessariamente de seus alunos e familiares, servindo também de referência para outras três bibliotecas escolares,<sup>1</sup> se deu no início de 2011, ao mesmo tempo em que tivemos a oportunidade de iniciar este Curso de Especialização – uma coincidência feliz que resultou na definição deste tema, por nos proporcionar o trato mais intenso com as demandas da pesquisa escolar e identificar a necessidade de nos melhor equipar para a orientação da nossa clientela.

Este Plano de Ação consiste na elaboração de um *blog* específico de orientação para a pesquisa escolar, denominado por nós de *Pesquisando na Escola*, seguindo critérios de seleção de *layout* e conteúdos que explicitaremos mais adiante no capítulo acerca da metodologia. A proposta do *Blog* se insere no conceito de *letramento informacional*, descrito por Campello (2009) como uma prática educativa a ser assumida também pelo bibliotecário, com fins de ajudar ao aluno no desenvolvimento das habilidades de usar informações para aprender com autonomia, uma vez que ele “tem responsabilidade na formação de pessoas capazes de aprender com a informação: ajudar crianças e jovens em fase de educação formal a se tornar capazes de aprender a partir das informações”. Vivemos hoje em um mundo de informações globalizadas, onde há cada vez mais.

a necessidade de preparar os estudantes para lidar com o aparato informacional vasto e diverso hoje disponível, de forma que se tomem aprendizes autônomos e críticos. A função do bibliotecário não se restringe, pois, à formação da leitura nem à orientação bibliográfica, mas amplia-se para abranger aprendizagens mais complexas, levando ao aparecimento do conceito de letramento informacional (CAMPELLO, 2009, p 11-12).

---

<sup>1</sup> Denominada *Biblioteca Polo* pelo Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação, que foi implantado em 1995.

Além disso, como salienta Bicheri e Ellwein,

sendo a pesquisa escolar uma importante ferramenta no processo ensino-aprendizagem, visa à ampliação e ao enriquecimento dos conteúdos curriculares, preparando o aluno para a recuperação da informação, aquisição e comunicação cada vez maior de conhecimento e experiência. Ela encontra-se atualmente em nova fase, com o uso da tecnologia da internet na busca de informações *on-line*, num ambiente virtual, que exige habilidades específicas e que bem exploradas fornecem acesso rápido e objetivo à informação (BICHERI, 2006, p. 106).

Por tudo isso, salientamos que a criação de um *Blog*, como qualquer outra ferramenta de apoio à pesquisa escolar, não dispensa em momento algum a orientação quanto ao seu uso e acesso aos conteúdos, ou seja, a nossa presença como mediador, para o aluno, durante o exercício de pesquisa.

Cabe ainda informar que a Escola Municipal Santa Terezinha, pertencente à Regional Pampulha, funciona nos três turnos, sendo na parte da manhã alunos dos 1º e 2º ciclos, muitos dos quais participam da Escola Integrada, ficando na escola até às 16:00. No turno da tarde, concentram-se alunos dos 2º e 3ª ciclos. No turno da noite estudam os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Plano de Aceleração da Educação – Floração, dedicado aos adolescentes que, por diversas razões, não acompanharam o ensino regular.

Ingressamos nessa escola em janeiro de 2011 para trabalhar no 3º turno, e nosso horário de trabalho de 6 horas consecutivas faz com que tenhamos contato, a partir das 16:30, com os alunos da tarde. Também é a partir desse horário que a biblioteca se abre para receber os alunos do turno da manhã para fazer pesquisa e, também, pessoas da comunidade que compõem uma clientela diversificada para nosso atendimento.

## 2 JUSTIFICATIVA

Ao definir o tema pesquisa escolar como objeto de um Plano de Ação na Escola Municipal Santa Terezinha, de início nos vimos diante de um desafio. Muitos textos críticos aprofundaram nosso conhecimento de como a pesquisa escolar vem sendo mal conduzida no país, esbarrando nas limitações de um sistema de ensino recheado de equívocos com relação ao seu exercício, que estão arraigados há pelo menos quatro décadas, desde sua implementação nas escolas, por Decreto em 1971, que resultou na Lei de Diretrizes e Bases.<sup>2</sup> Esse é um problema que vem se reproduzindo até os nossos dias e, mesmo com possíveis diferenças, atinge tanto a escola pública quanto a particular, por falta de uma diretriz nacional que ainda está por ser enfrentada, visto a forma como ainda é tratada no país.<sup>3</sup> Retomando o caráter problemático desta implantação, temos também Almeida Júnior:

Em 1971, com as mudanças na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), entendeu-se como obrigatória a realização de pesquisas, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. [...] a pesquisa passou a ser empregada e utilizada em todas, ou quase todas as escolas do país. [...] Os professores, tomados de surpresa, não foram preparados para lidar com essa nova exigência; a preparação não existia no currículo dos cursos formadores de professores como também não estava estruturada nas instâncias educacionais do Estado. [...] Os bibliotecários, a exemplo dos professores, também não se adequaram às novas exigências provenientes da interpretação daquela LDB. Da mesma forma, os currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros ignoraram a demanda pela pesquisa e não a incluíram entre as preocupações que determinaram

---

<sup>2</sup> Apesar de formalizada em 1971 por este decreto, a pesquisa escolar já aparece como uma referência na nossa legislação em 1961 na “Lei 4024/61 – No capítulo “Dos fins da Educação”, art. 1º, no item e: ‘o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer a dificuldade do meio’, “ou seja, as fontes de informação para saber interpretar a ciência e a tecnologia.” (BEZERRA, 2008, p. 2) Já usando diretamente o termo *pesquisa*, a Lei de 1971 “propunha que o professor iniciasse o aluno em algumas habilidades e ações pertinentes ao método científico. Por outro lado, os autores que a elaboraram também reconheciam que muitas comunidades ou escolas não dispunham, de imediato, de experiências e recursos para imprimir este sentido à educação científica [...] e acreditavam também que alguns educadores não ficariam indiferentes e não cruzariam os braços para o problema proposto. Fizeram, inclusive, uma ressalva de que essas tais habilidades não iriam surgir com a mesma intensidade, pois o ensino sempre foi centrado apenas nos conteúdos.” (BEZERRA, 2008, p. 4).

<sup>3</sup> Para ilustrar a falta de percepção ou disposição para tratar desse problema, citamos o Manual “Biblioteca Escolar”, lançado pelo Ministério da Educação em 2007, que se centra, principalmente, na função de mediação de leitura das bibliotecas e em momento algum aborda a biblioteca na perspectiva de mediadora da pesquisa escolar, sendo que das 29 referências elencadas, nenhuma se refere ao tema. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio\\_esc.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

a estrutura curricular. [...] As escolas [...] não se equiparam c/ bibliotecas e, menos ainda, com acervo adequado. Nas poucas escolas em que uma biblioteca foi estruturada e implantada, para elas foram encaminhados professores para readaptação funcional (ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 98- 99).

O acervo proveio de doações diversas, dissociados das disciplinas, pois não houve uma política de coleções adequada: “As bibliotecas públicas foram obrigadas a atender as pesquisas dos alunos do ensino fundamental e do ensino médio.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2006, p. 99-100).

Constatamos também que ainda falta ser definida, reconhecida e aceita, com disposição para a mudança, a necessidade de integração da sala de aula com a biblioteca escolar, em muitas de nossas escolas. Somente através de um esforço conjunto entre os profissionais de biblioteca, professores e coordenadores, enfim, da escola como um todo, a pesquisa escolar poderá cumprir com seus reais objetivos de desenvolver nos alunos as habilidades de problematizar, analisar e interpretar, com crescente autonomia na busca das informações. Como salienta Ellwein (2006, p. 93), professores e bibliotecários “devem trabalhar conjuntamente, seja no planejamento (antes que o professor solicite o tema aos alunos), seja na elaboração, quando os alunos forem à biblioteca pesquisar; e também depois, quando os mesmos apresentarem a pesquisa pronta”, pois o professor “precisa dar um ‘retorno’ ao bibliotecário dos possíveis erros e acertos resultantes deste trabalho, postura que raramente acontece.”

O distanciamento dos espaços escolares, refletindo-se no modo como a pesquisa escolar está sendo feita, foi demonstrada por uma pesquisa, realizada em 2008, pelo Instituto Fernando Braudel de Economia Mundial,<sup>4</sup> que registrou a percepção que os pais têm da escola pública e o que esperam dela. Entre os entrevistados, viu-se que as *lan-houses* superaram em uso, para estudos e trabalhos diversos, as bibliotecas escolares e públicas.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Os pais e a escola Pública, Instituto Braudel. Pesquisa 2008. Disponível em: <<http://www.braudel.org.br/pesquisas/pdf/ApresentPesquisaPais.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>5</sup> “As *lan-houses* foram citadas por 12,6% dos entrevistados como sendo o local utilizado pelos alunos para estudar e fazer lição de casa e trabalhos, superando de longe a biblioteca escolar (4,5%) e a pública (3,3%). Para as famílias, a informatização tem extrema importância. De acordo com Patrícia Mota Guedes, do Fernand Braudel, quando foi perguntado que atividades extra-escolares

Assim vemos os agravos atuais pelo uso indiscriminado da internet, que foge aos critérios de escolha de acervo das bibliotecas. Se por um lado a internet disponibiliza uma grande quantidade de informações e imagens que complementam as lacunas do acervo das bibliotecas, por outro lado dificulta a avaliação da qualidade e veracidade dos conteúdos. Fazer a melhor escolha entre dezenas de opções fornecidas pelos buscadores, e ainda escapando à indução de escolha dos primeiros *sites* listados apresentados por eles (notadamente o mais utilizado, o Google), pode ser um desafio para qual o estudante não está preparado. Um trabalho de coleta de informação na internet pode ser tão ou mais demorado que uma pesquisa em um livro, de modo que a pressa sempre prejudicará a boa coleta de informações. Também a facilidade de recortar e copiar um texto virtual para colar no editor de texto tem como reflexo o agravo do hábito da cópia indiscriminada que se vê até entre alunos do ensino superior, gerando reproduções idênticas em cima de reproduções. Por isso, como diz Bicheri, (2006, p. 106), “a busca de informações *on line*, num ambiente virtual [...] exige habilidades específicas”, além, complementamos, das mesmas necessárias para o verdadeiro exercício da pesquisa.<sup>6</sup>

Isso perpassa também pela necessidade de compreensão da natureza hipertextual da internet pelos educadores e de como usá-la como ferramenta de ensino. Pesquisa realizada por Gilberto Lacerda Santos, da Universidade de Brasília, com vinte professores do Ensino Fundamental da rede pública e particular de ensino do Distrito Federal, para saber como os conteúdos da internet estão sendo apreendidos

---

gostariam que a escola oferecesse, cursos de computação ficaram em primeiro lugar, com 36%, na frente de opções importantes como aulas de reforço em Matemática (11%) e em Português (9%).” (TOLEDO, 2008). Assim, viu-se uma grande expectativa dos pais em torno da aprendizagem da informática e, portanto, uma valorização do uso do computador nas escolas como uma oportunidade a mais para o mercado de trabalho. Abrindo um parênteses, a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s, nas escolas, com seus laboratórios de informática, tem-se revelado tão problemática quanto foi a da pesquisa escolar antes do advento da internet (e hoje, diante dela) por falta de planejamento e capacitação para seu uso pedagógico tanto dos futuros professores quanto dos professores já em atuação. Há uma conjugação entre as TIC’s e pesquisa escolar mediante a Internet, uma vez que a tecnologia por si só não enriquece o processo de ensino e aprendizagem. Sobre isso ver COSCARELLI, 1998.

<sup>6</sup> Por isso, “A internet pode ser de grande auxílio para as pesquisas escolares, desde que as buscas sejam realizadas com o apoio e supervisão de professores e/ou bibliotecários. Como se sabe, os alunos gostam de ‘navegar’ na internet, mas precisam ser orientados para que isso ocorra de maneira promissora à sua formação. De forma especial, os alunos das séries iniciais devem contar com esta ajuda para conseguirem discernir informação útil de ‘balela’.” Assim, a seleção de conteúdos despenda como mais um campo de atuação para os bibliotecários. (BICHERRI, 2006, p. 110).



e usados em sala de aula, revelou que a maior parte se dá de maneira aleatória e linear, não orientada e problematizada, “com pouca ou nenhuma atuação didática consciente por parte da maioria dos professores”, o que se reflete na pesquisa escolar. Ainda segundo Santos, os professores:

por total falta de familiaridade com a linguagem dos hipertextos eletrônicos – e ignorando a natureza deste conceito –, geralmente solicitam a seus alunos pesquisas sobre temas diversos, que são imediatamente traduzidos por ‘acessar, achar e imprimir’. A diferença entre a rede pública e a rede particular está unicamente na frequência com que a tecnologia é empregada. Enquanto um professor de uma escola particular vai solicitar muitas vezes aos seus alunos que investiguem conteúdos na internet, geralmente uma vez por semana, os professores das escolas públicas o fazem, de modo geral, uma vez por semestre. Em qualquer dos casos, a internet é encarada como uma espécie de livro eletrônico, em que não é preciso folhear as páginas nem ir à biblioteca (SANTOS, 2003, p.309).<sup>7</sup>

A característica hipertextual dos conteúdos da internet exige, em termos de ensino, um uso não tradicional, uma leitura não-linear:

A internet é caracterizada por um entrelaçamento complexo de informações textuais e audiovisuais, umas podendo conduzir a outras, de sorte que sentidos são continuamente construídos pelo leitor [...]. Por tais características, a internet, percebida enquanto suporte para informações hipertextuais com possibilidades infinitas de interseção, demanda uma linguagem própria para sua compreensão, abordagens de leitura não-lineares e, conseqüentemente, apresenta uma textualidade específica para sua apreensão. Inserida no ambiente escolar, a internet é proposta como base para uma nova linguagem para a aquisição e construção de conhecimentos e como uma nova e revolucionária ferramenta para o trabalho docente, na medida em que vivemos em uma sociedade em rede, numa ampla teia de relações sociais na qual cresce, cada vez mais, a exigência de diálogo, interatividade, intervenção, participação e colaboração (SANTOS, 2003, p. 305).

Ao enumerar em um quadro as vantagens e desvantagens da pesquisa escolar na internet, Bicheri e Ellwein concluem que mais relevante do que o suporte em que a

---

<sup>7</sup> Para simplificarmos, na definição do dicionário Caldas Aulete, hipertexto tem duas referências: um texto ou conjunto de textos (impressos) cuja organização permite a escolha de diversos caminhos de leitura por meio de remissões que os vinculam a outros textos ou blocos de texto, e um texto ou conjunto de textos disponíveis em mídia eletrônica (digitais) e acessados por computador, organizados de modo que se possa percorrê-los por meio de atalhos ou por relação entre elementos correlatos, e não só sequencialmente.

informação está contida, “seja em livros, enciclopédias, revistas, gibis, depoimentos e internet”, é

a contribuição que a pesquisa proporcionará para a formação do indivíduo. Levando-se em conta que a habilidade central do aluno para realizar uma pesquisa escolar deve estar na capacidade de elaboração, ou seja, a possibilidade de poder argumentar com consistência, questionar com fundamentos e, principalmente, superar as tendências de cópia, imitação e adquirir subsídios para a construção de um raciocínio lógico e coerente (BICHERI, 2006, p. 112).

Quanto a possível intervenção que vem ou não sendo feita por professores, familiares e bibliotecários para o uso da internet nos trabalhos escolares, consideramos interessante os dados coletados em uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Biblioteca Escolar, da Escola de Ciência da Informação da UFMG, em 2000, sobre como os estudantes usam a internet para a pesquisa escolar.<sup>8</sup> A pesquisa revelou que, além de usar a web com bastante independência, os jovens se influenciam nas indicações de *sites*. Há uma contribuição de outros meios de informação, como jornais, revistas e mesmo a televisão, enquanto que “professores e bibliotecários foram citados em último lugar, deixando claro que esses profissionais não exercem uma influência significativa no que diz respeito ao que os alunos estão vendo na *Web*” (CARVALHO, 2005, p. 33). Tomando como referência essas considerações, é “preciso planejar urgentemente ações pedagógicas adequadas para o uso da rede, assumindo os bibliotecários o seu papel de mediadores entre o aluno e a informação.” (Idem, p. 36)

Vários estudos têm constatado que a pesquisa escolar ainda está distante do seu verdadeiro sentido de produção de conhecimento, onde a formulação de um

---

<sup>8</sup> A pesquisa foi feita com 372 alunos de 1ª a 8ª séries, entre 7 e 16 anos de idade, em oito colégios da rede particular de Belo Horizonte-MG. Conforme o IBGE, entre os anos de 2005 e 2008, houve um aumento de 75,3% no uso da internet. Os fins de comunicação (83,2% dos usuários em 2008) superaram em crescimento os fins educacionais e de aprendizado (65,9%), que eram a principal razão dos acessos em 2005 (71,7% naquele ano). Acreditamos que mesmo sem abordar os estudantes das escolas públicas, e com o acesso maior destes à internet, não tenha mudado substancialmente o quadro da pesquisa escolar por meio dela. Estes e outros dados do IBGE se encontram disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_Visualiza.php?id\\_noticia=1517](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_Visualiza.php?id_noticia=1517)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

problema é mais essencial do que sua solução (PEREIRA, 2000, p. 18),<sup>9</sup> pois faz o aluno pensar para questionar, selecionando informações para relacionar ideias que deverão, ao final, serem expostas de acordo com o seu próprio entendimento, ou seja, em uma escrita própria, por terem sido efetivamente re-apropriadas por ele. Se cabe ao professor motivar e despertar a curiosidade dos alunos, com objetividade e análise crítica da pesquisa, é certo que para ensinar a pesquisar “o professor tenha vivenciado, nos cursos de formação, atividades para desenvolver esse tipo de ensino. Se a pesquisa escolar é deficiente e se os alunos não sabem como realizá-la, provavelmente é porque nunca lhes ensinaram corretamente a fazê-la.” (ELLWEIN, 2006, p. 87)

Segundo outra pesquisa, feita numa escola pública de São Luís no ano de 2004, pelos autores já acima citados, Castro e Sousa (2008), ficou demonstrado que os alunos sentem mais dificuldade na hora de redigir e finalizar seus trabalhos, de modo que acabam por copiar o conteúdo, sem saberem o que seja projeto de pesquisa propriamente dito. Quanto aos professores, poucos têm conhecimento sobre os serviços e produtos oferecidos pela biblioteca da escola, ou ainda não colaboraram com sugestões para o acervo ou execução de atividades nesse ambiente, percebendo-se “também o fraco impulso para uma educação continuada ou conhecimento da produção informacional dos seus pares.” Desse modo cabe à biblioteca deixar de ser apenas uma indicadora de fontes “para ser orientadora, estimuladora e divulgadora da pesquisa e de seus pesquisadores, ampliando, dessa forma, a interação aluno/professor/biblioteca.” (CASTRO, 2008, p. 143-144).

A pesquisa escolar, ainda hoje, não passa, quase sempre, de mais uma atividade escolar, um “para casa”, na maioria das vezes sem orientação, baseado na cópia e usada para complementar a nota do aluno, e que nós, profissionais de biblioteca,

---

<sup>9</sup> Segundo a autora, a construção do conhecimento se dá na interação do sujeito com o mundo, e isso remete ao problema do reducionismo próprio das dicotomias, que levam a maniqueísmos ao se pensar a realidade, “[...] como se esta pudesse ser classificada, rotulada, polarizada, bi-partida, linearizada, sem que se faça uma contextualização dos fatores que a integram e a condicionam.” Evitar isso exige superar a pressuposição do professor como único detentor do conhecimento e do jogo de poder na relação com o aluno. Visto ser o conhecimento fruto de uma pergunta frente à realidade, o resultado de como o sujeito se coloca ante a questão, não pode ser neutro, mas sim relativo, já que sujeito e realidade se constroem mutuamente, de modo que diferentes pontos de vista são ângulos distintos que relativizam o conhecimento (PEREIRA, 2000, p. 6-14).

quase sempre deixamos de intervir como deveríamos, por motivos diversos que, porém, não nos isenta de responsabilidade.

No início da realização deste trabalho a respeito da pesquisa escolar, consultamos o *Projeto Político Pedagógico* da nossa escola, que foi aprovado em 2006, para ver como nossa biblioteca estava inserida no contexto pedagógico da instituição, e se a pesquisa escolar estava contemplada enquanto atividade pedagógica. Porém só encontramos duas referências: uma relativa à criação da biblioteca na p.04, que recebe o título “Histórico da Escola”, e mais adiante, no anexo Propostas Pedagógicas do Ensino Fundamental Noturno, parte “Organização dos Espaços”. Também em relação à atividade de pesquisa, só encontramos uma referência na p. 18, parte VIII – Organização Didático-pedagógica: “Dentro dos trabalhos realizados no dia-a-dia, consideramos como muito importantes os processos pedagógicos de resolução de problemas, jogos e brincadeiras, observação, pesquisa e registro”. No Capítulo V da Justificativa, há partes destinadas à concepção de educação, de escola, do aluno e do professor, excluindo-se uma referência à biblioteca e aos demais mediadores do processo educativo, nos quais se pode incluir monitores e estagiários.

Analisando o Regimento Interno de 2011, encontramos as atribuições da Biblioteca, do Analista de Políticas Públicas – Bibliotecário e dos Auxiliares de Biblioteca, calcadas no Edital 02/2008.<sup>10</sup> Transcrevendo quase na íntegra as atribuições deste edital, duas coisas destacam-se. A primeira que cabe ao bibliotecário, além das atribuições técnicas da biblioteconomia, buscar formas de integração da biblioteca com a escola, incluindo as que lhe são coordenadas (pois na Rede Municipal ainda não existe bibliotecários para cada escola, mas um bibliotecário para uma escola que tenha uma biblioteca-pólo, cabendo a ele coordenar mais três outras bibliotecas escolares), participando das reuniões pedagógicas de cada unidade que atende. A segunda que cabe ao auxiliar, além de executar funções várias, desincumbir-se da orientação da pesquisa escolar na biblioteca. Assim, as diferenças entre o Regimento Interno e o Projeto Político Pedagógico evidenciam que a Escola Municipal Santa Terezinha ainda está por considerar os objetivos específicos e as

---

<sup>10</sup> De concurso público para provimento de cargos da Secretaria Municipal de Educação, Anexo II, Das atribuições dos cargos.

necessidades envolvidos no processo da pesquisa escolar, do papel de mediação do conhecimento pelos profissionais de biblioteca e da própria biblioteca como um local de interação com a sala de aula, dentro de uma prática pedagógica comum a todos. Isso nos remete às recomendações de Pécora:

Reconhecendo a importância que as pesquisas escolares podem representar no contexto escolar, precisamos pensar em viabilizá-las com a maior qualidade possível e isso, sem dúvida, tem como peça central o professor. É ele quem as solicita, as corrige, as avalia e pode dar um endereço mais eficiente e exato para sua finalidade. [...] Algumas sugestões poderiam contribuir para uma discussão, na escola, visando facilitar o trabalho de pesquisa escolar. Primeiramente, modificação na relação de trabalho do professor e bibliotecário serão necessárias. Vale a pena pensar quem deve ser o responsável pela confecção do roteiro de pesquisa para a escola. Julgamos que os professores e os bibliotecários, orientadores educacionais e todos os profissionais envolvidos com a escola precisam participar desta tarefa. Juntos terão condições de determinar as regras básicas do roteiro, tendo em vista o Projeto Pedagógico da escola (PECORA, 1998, p. 98).

Observamos também que, embora outras escolas da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte contemplem a biblioteca e os profissionais de biblioteca nos seus Projetos Político Pedagógicos, nem sempre isso se reverte em ações pedagógicas, integradoras e concretas, entre a sala de aula e a biblioteca, em suma, do corpo escolar.<sup>11</sup> Cabe salientar que isso não isenta a nós, profissionais de biblioteca, seja auxiliares ou bibliotecários graduados, de questionar e intervir, pois, muitas vezes, é necessário um toque inicial para despertar e mudar uma ordem de coisas há muito tempo constituída sem reflexão. Como diz Almeida Júnior:

Em muitos casos a própria biblioteca e os bibliotecários que nela atuam aceitam e assumem um pretense caráter secundário desse espaço e dos trabalhos dos profissionais nesse segmento da área. A biblioteca, dessa forma, serviria apenas como um 'local alternativo' à sala de aula, realizando-se naquela, atividades idênticas ou não passíveis de serem desenvolvidas nesta (ALMEIDA JÚNIOR, 2006, p. 98, grifo do autor).

---

<sup>11</sup> Ainda nas palavras de Almeida Júnior, “[...] a pesquisa escolar é utilizada como uma obrigação, imposta pelos professores em sala de aula, como forma de atender às exigências de uma antiga LDB. Na verdade, a pesquisa deve ser encarada como um instrumento pedagógico, imprescindível na formação do aluno. E o espaço onde ela, pesquisa, ocorre, como fazendo parte do ambiente necessário para a formação do cidadão.” Mas para complicar, além “de ser uma obrigação, a pesquisa deve ser desenvolvida fora do horário de aula, em um espaço que boa parte dos alunos relaciona com ‘castigo’.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2006, p. 102, grifo do autor)

Consideramos que a questão da pesquisa escolar é um indicativo de múltiplos problemas, que apontam para a necessidade de modificação de toda uma estrutura de ensino, que assim precisa ser reelaborado, em um movimento gradual e circular, que se dá de cima para baixo e de baixo para cima, sem primazias. Ainda com Almeida Júnior:

como resolver o problema da pesquisa escolar? Antes, precisamos discutir por que, de fato, é ela um problema. [...] Acredito que exista uma discrepância, um antagonismo entre o modelo de educação empregado em sala de aula e a pesquisa. [...] Enquanto o primeiro trabalha com idéias fechadas, embasadas em verdades absolutas e preestabelecidas, o segundo tem como pressuposto a liberdade. O modelo de educação formal está estruturado sobre o saber do professor, sobre a autoridade (em termos de conhecimento e informação...) do professor e do material impresso. O livro texto (manual) apresenta o conhecimento humano todo sistematizado, ordenado e "fechado". Não é ele, nem seu conteúdo, passível de críticas ou de propostas diferenciadas. São pacotes fechados transmitidos aos alunos e que devem ser assimilados, aceitos, acatados e devolvidos em forma de provas ou outros tipos de avaliação. Ao aluno não é dado o direito de questionar, pois não se questiona o que já está consolidado. [...] Destoando desses modelos temos a pesquisa. Em essência, a pesquisa é livre. Se tolhida, deixa de ser pesquisa. A liberdade é um atributo, é uma característica primordial, é do próprio caráter da pesquisa. Sem ela, a pesquisa se descaracteriza. [...] Assim, a incompatibilidade entre o modelo de educação vigente e o conceito de pesquisa só será superado se um dos dois se adaptar ou for apropriado pelo outro. Atualmente, a liberdade da pesquisa está presa e se submete ao autoritarismo do modelo educacional (modelo esse, cumpre lembrar, que é também assumido pelas bibliotecas, quer pública, quer escolar) (ALMEIDA JÚNIOR, 2006, p. 102-103).

Assim, mediante todos os desafios acima expostos, nossa preocupação passou a ser a de traçar um Plano de Ação funcional e realista, que pudesse ser mantido a médio e longo prazo, como a criação de um *Blog* em permanente construção e reconstrução, para nos ajudar a dar um melhor atendimento aos estudantes que vão à biblioteca em busca de material para pesquisa, necessitados de orientação quanto à busca e uso das fontes. Ciente de que a consecução eficiente de uma pesquisa como proposta educacional só é possível com a integração da biblioteca com a sala de aula, e das dificuldades disto acontecer sem que as escolas e seus profissionais definam bem seus papéis e delimitem os reais objetivos da pesquisa escolar em seus projetos político pedagógicos, nos dispomos a introduzir neste *Blog* os

conteúdos mínimos indispensáveis sobre o conhecimento do que é a pesquisa escolar e quais são as suas etapas. Buscamos também fornecer orientação para o uso diversificado do acervo da nossa biblioteca e indicações de *sites* de pesquisa na Internet. Essa proposta vai ao encontro do Manifesto da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA/UNESCO),<sup>12</sup> para bibliotecas escolares, que coloca como sendo uma das atribuições do bibliotecário dar o apoio aos estudantes “na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes e meios”, de modo que “devem tornar-se competentes no planejamento e na instrução das diferentes habilidades para o manuseio de novas ferramentas de informação, tanto a professores como a estudantes”.<sup>13</sup>

Tendo em vista a complexidade de exercer, ao mesmo tempo, na biblioteca, várias funções como processamento técnico de livros, empréstimos regulares a alunos, professores e funcionários, além do atendimento à comunidade, a confecção do *Blog* parece-nos uma boa oportunidade de exercitar a própria pesquisa criteriosa de conteúdos virtuais, aliando teoria e prática. E, também, de nos preparar para disponibilizar orientações em tempo hábil, que estarão em aberto para toda a comunidade escolar – alunos, pais, professores e demais usuários, funcionando como um guia de pesquisa para todos, por meio de linguagem e um visual simples e acessível. Acreditamos que este *Blog* pode ser um elemento de intervenção positivo no interior da escola, vindo a chamar a atenção para as verdadeiras finalidades do exercício de pesquisa. Contemplando o conceito de *letramento informacional*, o *Blog* disponibilizará um roteiro com elementos básicos que devem existir no trabalho escrito, e informações de como utilizar de maneira mais proveitosa e consciente a internet. Ao longo do processo de descoberta, poderá incorporar o que for surgindo de novo e útil, e, até mesmo, os trabalhos escolares dos alunos. O alcance dos resultados será perceptível cotidianamente, nos mostrando até que ponto corresponderá aos nossos objetivos.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>13</sup> Apud BICHERI, 2006, p. 111.

## 3 OBJETIVOS

### 3.1 Objetivo geral

- Criar um *Blog* que possa instrumentalizar-me para melhor exercer o papel de mediadora educativa da pesquisa escolar, além de disponibilizar vários conteúdos pertinentes à pesquisa e ao acervo da nossa biblioteca, contemplando o *letramento informacional*, por meio do uso da internet, mediado pelo profissional de biblioteca.

### 3.2 Objetivos específicos

- Proporcionar aos estudantes, quando vierem à biblioteca, a possibilidade de acesso orientado aos diversos conteúdos do acervo da biblioteca e da internet.
- Dar-lhes noção dos diferentes instrumentos que compõem o exercício da pesquisa, estimulando-os na busca pela informação com mais autonomia.
- Fornecer um suporte a mais ao professor para que possa se preparar e orientar seus alunos para uma proveitosa pesquisa escolar.
- Disponibilizar uma rede de sites confiáveis que contribuem no processo de pesquisa escolar e de busca por fontes seguras de informações.
- Verificar as possibilidades e limites desta intervenção, para tornar mais efetiva a nossa prática de mediação na biblioteca.



## 4 DESENVOLVIMENTO

### 4.1 Roteiro de pesquisa escolar

Outro aspecto a ser considerado na confecção do *Blog* para atender nossos objetivos – introduzir esclarecimentos de como conduzir uma pesquisa escolar, nos levou à questão sobre como devem ser as propostas de roteiros. Mas o que vem a ser um roteiro para pesquisa escolar? Se a pesquisa é um processo, de idas e vindas, construção e reconstrução, como pode ser “roteirizada” ou esquematizada previamente? Consideramos que há que se diferenciar o roteiro de uma sugestão de conteúdos para um tema de pesquisa, como podemos encontrar na web,<sup>14</sup> bem como dos tópicos guias de um trabalho completo, a saber: introdução, desenvolvimento, conclusão ou considerações finais, bibliografia, sumário e apêndices, que compõem a estruturação de trabalhos acadêmicos como este aqui.

Um roteiro para pesquisa escolar no nosso entendimento é, antes de tudo, um projeto de pesquisa, que só pode ser fruto de uma construção coletiva da escola, adaptado a cada disciplina e ano escolar, cujos resultados deverão ser variados, pois cada aluno deverá fazer a sua pergunta dentro de um tema escolhido em comum. Para tanto, deve ser precedido de um estudo pedagógico mais aprofundado e que mantenha o espírito questionador, principalmente no caso das Ciências Humanas, e, curioso, no caso das Ciências Naturais e Exatas (não porque não se possa questionar fundamentos clássicos da ciência numa disciplina como a Matemática ou a Física, mas porque questões de cunho epistemológico, ao nosso ver, ainda estão distantes do Ensino Fundamental e secundário, e ainda é um assunto de poucos, mesmo no meio acadêmico e científico). Para isso também há que se ter claramente definido quais os objetivos pedagógicos que se quer alcançar neste roteiro/projeto de pesquisa: o domínio de um conhecido já dado, o desenvolvimento do espírito crítico ou, nas palavras de Carvalho, o “desenvolvimento de habilidades de ler, interpretar, resumir e parafrasear, que são a

---

<sup>14</sup> Site Klickeeducação: motivos que impulsionaram as grandes navegações, relatos dos primeiros contatos com os indígenas e personagens que participaram desse momento histórico: as grandes navegações; origens do Brasil: 1 – Lugar no mapa; Origens do Brasil 2 – Descoberta e colonização. Na internet: Cabral, o viajante do rei...” Disponível em: <<http://www.klickeeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-2085-18767-,00.html>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

base para a aprendizagem significativa.” (CARVALHO, 2005, p. 36). Assim, o roteiro, como procuramos disponibilizar no *Blog*, é na verdade um Guia de procedimentos elementares de pesquisa escolar, que inclui a orientação sobre o uso de fontes diversificadas (para, de preferência, cotejá-las), a produção de um texto que revele a apropriação do conhecimento, dentro de um padrão de apresentação de trabalho definido pelo professor e apropriado ao estágio do aluno.

Além dessa questão dos objetivos da aplicabilidade e de como utilizar um roteiro de pesquisa, consideramos importante termos claro que todo roteiro precisa de orientação prévia sobre seu uso. Só assim ele poderá alcançar resultados significativos, conforme vemos nas colocações feitas por Pécora (1998), no seu trabalho de pesquisa sobre a eficiência do roteiro, mais especificamente em sua produção final, o resumo de texto, elaborada através do acompanhamento de seis alunos da 4ª série/5º ano de uma escola pública de Campinas. O resumo do texto é entendido pela pesquisadora como “uma estratégia a mais que o professor poderá utilizar para melhorar o desempenho dos alunos na leitura, estudo, produção de textos, interpretação e iniciação do trabalho de pesquisa científica”, que supera a mera cópia. É, portanto, a culminância ou o resultado das atividades de “pensar sobre um tema, ler e compreender o significado do texto, seguir regras, grifar palavras, fazer uso do dicionário, produzir texto com suas palavras, verificar sentido no que escreveu, numa perspectiva autônoma.” Atividades pouco “frequentes no contexto escolar” e “que foram desenvolvidas no uso do Roteiro.” Assim, para ser “eficiente em algumas de suas regras” e eficaz quanto ao desenvolvimento dos resumos: “[...] o Roteiro deve vir sempre acompanhado de orientação, até que os estudantes tenham incorporado suas regras ou consigam fazer uso correto e seguro da leitura.”, visto que exige “[...] dos sujeitos tarefas mais reflexivas do que o simples copiar” e deve “[...] conter poucas ordens, as quais deveriam utilizar um texto mais claro e direto.” A “sua complexidade se relaciona à ausência de experiências em que o aluno, por si só, precisa solucionar problemas. As regras do Roteiro até podem ser conhecidas dos sujeitos, porém não são vivenciadas com regularidade.” Por si mesmo, o roteiro também demonstrou ser “desinteressante”, sendo que em situação livre os alunos “preferiram não usar.” Mediante isso, a autora considera que aos professores cabe planejar, determinar as informações mais importantes,

acompanhar a qualidade da produção dos resumos, enquanto que o bibliotecário “tem a responsabilidade de organizar as regras do Roteiro em cartazes de forma a atrair o usuário, para ser colocados na biblioteca”. (PÉCORA, 1998, p. 94-100) Neste caso, preferimos também traduzir o roteiro tal como entende a autora, para um guia ou passos para o uso das fontes de informação.

Assim, de nossa parte, estamos cientes de que disponibilizar um guia de pesquisa escolar sem a efetiva participação e compreensão de professores e alunos do processo, por si não basta para criar o interesse em aplicá-lo. Mas isso não significa que devemos deixar de sinalizar para a existência e importância dos roteiros, por isso disponibilizamos alguns em nosso *Blog*.

#### **4.2 Características de um *Blog* de educação**

Na definição de Silva, os *Weblogs* (como originalmente são chamados os *blogs*) podem ser individuais, temáticos ou livres. Quando individuais, pertencem a uma única pessoa, geralmente o seu criador e editor, que posta os conteúdos de sua escolha. Cabe a ele a opção de permitir uma interação com o público leitor, disponibilizando o espaço de comentários de maneira irrestrita ou mediada (opção de vetar a publicação do comentário, caso lhe pareça inapropriado). Por isso, “até certo grau reflete a personalidade do indivíduo que o mantém”, já que lhe permite compor e “se expressar da forma que ele bem deseja.” Já os *Weblogs* temáticos podem ser feitos individualmente ou em grupos, mas sempre concebidos “com base em um tema específico ou numa área de interesse em comum.” Podem subdividir-se de acordo com informações e temas específicos, sendo uma subdivisão os “K-logs (*knowledge weblogs*), que são as páginas compostas por informações e temas específicos, voltados para grupos de interesse”, tais como os jornalísticos, pedagógicos ou educativos, como o nosso *Blog*. (SILVA, 2003, p. 3) Como objeto de um Plano de Ação, podemos então caracterizar o nosso *Blog* como portador de um duplo caráter: individual – pela independência como foi construído, e temático – pela finalidade de intervenção escolar.

Para compreendermos como se insere um *blog* no contexto educativo, e, em particular, o nosso *Blog*, direcionado para a pesquisa escolar como um instrumento

de apoio e intervenção, citamos Gomes (2005), que estabelece uma distinção entre *Blog* como recurso e como estratégia pedagógica. Para o autor, embora essa distinção seja um tanto arbitrária, é útil para explicitar as diferenças de funções que ele pode assumir. O *blog* é um recurso pedagógico quando utilizado como “espaço de acesso à informação especializada” e como “um espaço de disponibilização de informação por parte do professor”; e enquanto estratégia pedagógica, um *blog* pode “assumir a forma de portfólio digital,<sup>15</sup> um espaço de intercâmbio e colaboração, um espaço de debate – *role playing* e de integração.” (GOMES, 2005, p. 312-313, grifo do autor). Como um espaço para informação especializada, sua utilização

decorre da pesquisa e inventariação de *blogs* que tratem de temáticas com possíveis enquadramentos curriculares ou extracurriculares, que apresentem informação cientificamente correcta e adequada aos níveis etários com os quais cada professor esteja a trabalhar e que seja da autoria e responsabilidade de pessoas e/ou instituições de mérito e credibilidade. Estes aspectos são particularmente importantes como forma de organizar e apoiar as aprendizagens e/ou a possibilidade de se constituir como instrumento de avaliação. Ambas as perspectivas são educacionalmente válidas e normalmente fortemente intercruzadas (GOMES, 2005, p. 314, grifo do autor).

Assim, quanto à especificidade do nosso *Blog* voltado para a pesquisa escolar, embora, em termos académicos, não seja propriamente científico, ele deve ater-se ao tema principal e primar pela qualidade das informações disponibilizadas, sendo para isso necessário escolher as melhores fontes possíveis, adequadas ao contexto escolar em que se insere. Essa escolha, no entanto, não deixa de possuir um carácter particular, próprio de nossa formação, que vai definir a qualidade do conteúdo, e não deixará de estar passível a críticas e revisões ao longo de sua edição.

Um *blog* pode estar relacionado diretamente ao processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, pode ser um meio de ligação com a comunidade em que se insere ou um meio de aproximação entre a escola e os encarregados de educação; pode

---

<sup>15</sup> Uma das utilizações mais frequentes dos *blogs* no domínio educativo, particularmente no nível do Ensino Superior é a sua exploração como forma de construção de um portfólio digital. Um portfólio pode assumir diversas funções, dentre elas, a de organizar e apoiar as aprendizagens, e de servir de instrumento de avaliação. Ambas as perspectivas são educacionalmente válidas e normalmente fortemente intercruzadas. (GOMES, 2005, p. 313-314)

também ser uma forma de dar publicidade e registro às atividades e eventos escolares durante o ano letivo. Para a autora, um *Blog* educacional “deve ser um pretexto para o desenvolvimento de múltiplas competências [...] associadas à pesquisa e selecção de informação, à produção de texto escrito, ao domínio de diversos serviços e ferramentas da web” (Gomes, 2005, p.313). Por tudo isso:

É minha convicção que não estamos perante uma 'moda' passageira, mas sim perante um novo recurso que pode suportar diversas estratégias de ensino e de aprendizagem. A facilidade de criação e manutenção de um *blog* e a existência de serviços gratuitos e de qualidade, bem como a crescente divulgação de perspectivas e experiências práticas da sua utilização ao nível de escolas dos diversos níveis de ensino são um bom prenúncio neste sentido. O aumento das condições de acesso à Internet, nomeadamente com o projecto de colocar 'banda larga' nas escolas e com o aumento do número de famílias com acesso à Internet a partir das suas residências é também um sinal positivo (GOMES, 2005, p. 315).

No entanto, vale salientar as conclusões de Halu e Vieira acerca de experiência feita através de um *Blog* de suporte ao ensino de Língua Inglesa, em escola estadual do Paraná. Apesar de todas as facilidades como gratuidade, fácil manuseio, uso ilimitado e dos bons resultados que pode gerar, aumentando o interesse dos alunos pela matéria (e daí conclui-se, para qualquer disciplina), um *Blog* só poderá contribuir para o processo de ensino e aprendizagem “se estiver integrado ao projeto político-pedagógico da escola e a uma reflexão sobre o papel do professor como mediatizador desta ferramenta e como um facilitador e co-participante da construção do conhecimento junto com seus alunos” (HALU, 2009, p.19). Essa percepção tem norteado todo o nosso Plano de Ação.

#### **4.3 O *Blog* como instrumento de mediação nos estágios da pesquisa escolar**

O livro de Kuhlthau, traduzido por Campello, propõe uma metodologia de pesquisa escolar por meio da “abordagem baseada em processo, que entende a pesquisa escolar como um processo complexo – e em alguns momentos conflituoso – e não apenas como a apresentação de um produto final pelo aluno.” (KUHLETHAU, 2010, p. 14). Como processo, ele estabelece sete estágios necessários e complementares para se efetuar uma pesquisa escolar que efetivamente traga resultados pedagógicos, conforme a seguinte sequência: 1 – proposta de pesquisa; 2 – selecção

de assunto; 3 – exploração de informações; 4 – definição do foco; 5 – coleta de informações; 6 – preparação para apresentação do trabalho escrito; 7 – avaliação do processo. Em todos esses sete estágios, há a necessidade da presença do professor e do bibliotecário para ajudar o aluno a conduzir o trabalho.

Tendo em vista o nosso Plano de Ação, consideramos, em termos metodológicos, que dentro do processo da pesquisa escolar, nossa intervenção, via *Blog*, se insere no *quinto estágio* da pesquisa escolar – o de coleta de informações. Esse estágio inclui, entre outras coisas, busca nas fontes de informação e compreensão da sua utilidade, uso de termos de busca e pistas, entendimento da organização das informações, uso do catálogo da biblioteca e demais instrumentos de acesso. Como está explicitado no livro (KUHLETHAU, 2010), tais ações estão diretamente ligadas à nossa função de mediador, na biblioteca, para ajudar o estudante a pensar no universo informacional por meio da identificação dos termos de busca durante o processo de pesquisa, da compreensão da hierarquia da classificação bibliográfica pelo uso do catálogo da biblioteca – no nosso caso, das fichas catalográficas, do exercício de passar os olhos nas estantes e do uso de obras de referência, bem como a orientação para o uso de informações correntes, avaliação do material e para as anotações. (Idem, p. 249) Tais elementos foram inseridos no *Blog*, através de uma página e postagem sobre a organização da nossa biblioteca, como veremos mais adiante.

Com uma certa diferença, mas também dentro da perspectiva processual, os pesquisadores Castro e Sousa (2008) configuraram, a partir da Pedagogia de Projetos, cinco estágios para a aprendizagem por meio da pesquisa escolar, sendo que cada etapa, além de poder reformular a anterior, pois não deixa de incluir a sua revisão, deve ser bem entendida e internalizada pelo aluno. Nessas etapas, o papel dos bibliotecários aparece bem definido, com as seguintes indicações:

1 – Inicialização: “Explicar para professores sobre o processo de pesquisa [...]; reforçar para o aluno o discurso sobre a pesquisa; organizar treinamentos específicos [...], e atualizar/ e elaborar produtos que facilitem o acesso às informações da biblioteca.”

- 2 – Desenvolvimento: “Mediar a busca e o uso de informação na biblioteca [...] com os alunos e professores, efetuando, se preciso, intervenções individuais e coletivas, através de aulas específicas ou conversa informal.”
- 3 – Finalização: “Auxiliar na apresentação final da pesquisa, indicando possíveis recursos; orientar a referenciação das fontes.”
- 4 – “Sugerir formas de divulgação dos resultados como jornal ou boletim, painéis, palestras, entre outros, incentivando o trabalho realizado.”
- 5 – Avaliação: “Participar no processo avaliativo da pesquisa escolar; oferecer suporte para as soluções dos possíveis problemas/dificuldades encontrados no processo da pesquisa” (CASTRO, 2008, p. 146-150).

Desse modo, os termos citados acima – explicar, mediar, auxiliar, sugerir – que sinalizam a nossa intervenção direta, se conjugam com o *Blog* em si, que pode ser tanto um elemento de acesso ao acervo da biblioteca, quanto um meio de socialização dos trabalhos apresentados, além de veículo de esclarecimento sobre o processo de pesquisa.

A utilização da pedagogia de projetos surge como uma resignificação do espaço de aprendizagem, propondo a organização do espaço de construção de saberes e competências, principalmente no que concerne à pesquisa, aonde o trabalho com projetos vem configurar, dentro de suas características e etapas uma nova roupagem para a compreensão, especialmente dos alunos, sobre conhecimentos internos e externos do meio educacional, podendo ser amplamente utilizado no âmbito da biblioteca escolar (CASTRO, 2008, p. 143).

#### **4.4 Páginas de pesquisa escolar na internet**

Como orientação para a pesquisa escolar na internet, procuramos fornecer aos leitores uma gama de sugestões diversificadas para o enriquecimento da pesquisa no cruzamento de informações, sem dispensar também a utilização eficiente do acervo da biblioteca. Além da inclusão de uma página sobre a organização do acervo da biblioteca, como meio de auxílio para o seu entendimento, elaboramos uma lista de atalhos no *Blog* para *sites* de conteúdos diversos, comumente indicados e reconhecidos como de bom conteúdo. Além de buscadores como Google e Cadê, a *web* também oferece páginas de enciclopédias virtuais e outras que recuperam a

informação por meio de buscas de palavras. Procuramos colocar orientações, em forma de postagens (*posts*) de matérias, sobre como pesquisar na internet com maior segurança, como utilizar os mecanismos de busca e como os professores podem orientar seus alunos a utilizarem a internet através de exercícios práticos.

Nesse trabalho de escolha de páginas, observamos que muitos são os assuntos e matérias, e somente o professor qualificado em determinada disciplina pode olhar, com o rigor necessário, os conteúdos de determinado *site* e, assim, criar a sua lista pessoal, juntamente com as fontes impressas para poder indicá-las a seus alunos (e ao bibliotecário) como fontes de pesquisa de determinado assunto, a partir do qual poderá melhor avaliar os resultados de aprendizagem. Em um *post* com a reprodução de matéria da Revista Época, intitulada “A geração digital não sabe navegar”, há boas dicas, mas uma das orientações diz: “Prefira os *sites* que estão na primeira página, mas verifique sua procedência. Cuidado com *sites* parciais.”<sup>16</sup> Essa informação em si é contraditória e insuficiente. Os *sites* de primeira página nem sempre são os mais visitados devido à qualidade, mas devido à visibilidade que têm na primeira página que, no caso do buscador Google, por exemplo, é paga. Quanto a páginas “parciais”, é muito difícil encontrar isenção em qualquer conteúdo, que dirá na internet, pois todas as informações e conteúdos disciplinares são passíveis de questionamentos, como apontamos anteriormente. Mas o desvirtuamento da informação, por simples desconhecimento ou por interesses comerciais e políticos, em *blogs* ou em *sites* “.com”, “.org” ou “.gov”, é algo ao qual devemos ficar atentos. Outro aspecto a ser considerado é que os conteúdos virtuais das páginas se alteram de maneira imprevisível e não têm o mesmo “sistema de referências das fontes impressas, que minimizam as possibilidades de erro na publicação”.<sup>17</sup> Mas isso também acontece em livros, e justamente por terem o aval da publicação escrita, são reproduzidos em *sites* e *blogs*.<sup>18</sup> Desse modo, por mais orientações que

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/11/geracao-digital-nao-sabe-navegar.html>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>17</sup> Conforme artigo da revista Nova Escola, reproduzido em nosso *Blog*, “Antes de pôr as turmas do 3º ao 5º ano para recorrer à internet, mostre como montar um projeto, identificar fontes com credibilidade e articular dados”, <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/busca-certeira-428261.shtml>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>18</sup> Por exemplo, uma informação na *web* que nos chamou a atenção durante a nossa pesquisa para indicação de *sites*, sobre o maior ecologista brasileiro, Franz Lutzenberger, diz o seguinte: “A obra de Lutzenberger, morto em 2002, aos 75 anos, é a perfeita tradução de que é possível a economia crescer sem agredir a natureza”. Estava no dia 01 de junho de 2012, em dois *blogs*. No entanto, essa



recebamos, o grau de conhecimento, o estudo e o bom-senso são os fatores que determinarão uma melhor escolha, que vai sempre ter um caráter subjetivo.

#### 4.5 Conteúdos e elementos de composição do *Blog*

Na confecção do *Blog*, escolhemos a plataforma Blogger (blogspot.com), de fácil edição e por já conhecer suas funcionalidades e elementos principais. O Blogger é composto basicamente por páginas fixas, uma coluna principal que comporta as postagens que formam a linha do tempo do *blog* e uma coluna para diversos elementos, nos quais se destacam as listas de páginas para outros endereços da web. Optamos por um *layout* simples e pouco usual – o de uma agenda de anotações, por ser visualmente mais leve e remeter ao tema do *Blog*: o exercício de pesquisar e anotar.<sup>19</sup>

Conforme esclarecemos antes, os conteúdos escolhidos para compor o *Blog* foram indicações de roteiro, como pesquisar em diversas fontes, incluindo a internet (buscadores e páginas) e postagens sobre a função da pesquisa escolar, voltados para alunos e professores. Os diversos elementos que o compõem podem ser listados assim:

- postagens sobre uso da biblioteca e das fontes de informação na pesquisa escolar;
- atalhos de sites de conteúdo para pesquisa escolar;
- atalhos e posts de dicas de ferramentas virtuais: dicionários e enciclopédias;
- atalhos de sites de interesse para professores e alunos;
- atalhos de comunicação com outros *blogs* escolares da Rede Municipal;
- atalhos para interação com redes sociais;
- botão de busca de conteúdos do *Blog*;

---

informação é indicada em um dos *blogs* como sendo do livro “100 brasileiros”, publicado pelo governo em 2004, e reproduzido no *site* da Biblioteca Virtual do Governo Federal em 25 de novembro de 2011. Quem conhece as entrevistas que Lutzenberger deu ao longo de sua vida, sabe que o seu discurso combatia com muita lucidez a ideia de “desenvolvimento econômico” dos governos, por considerar impossível chegarmos ao limite das reservas naturais do planeta sem provocar estragos irreparáveis para biodiversidade e a vida animal e humana na terra. Em suma, para o ecologista, desenvolvimento econômico, pelos interesses que envolve, é incompatível com sustentabilidade. Para isso, ver/disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hKjojoPOsn0&feature>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>19</sup> Endereço do *Blog*: <<http://pesquisandonaescola.blogspot.com.br>>.

- botão de busca por termos via Google;
- botões para compartilhamento de postagens;
- formulário de contato seguro.

No alto da coluna principal do *Blog*, logo abaixo do título e descrição, de visualização permanente, colocamos as informações mais relevantes para a pesquisa escolar, como páginas fixas (que poderiam compor uma “barra de menu” horizontal, se os títulos fossem curtos, pois dão o direcionamento para tudo o que está “oculto” da entrada principal do *Blog*), as indicações básicas – início e contato, a postagem principal (de apresentação da biblioteca da escola, que permanece como a primeira ao se entrar no *Blog*), uma página que contém os atalhos (*links*) das postagens sobre a pesquisa escolar, uma página com os atalhos para as postagens sobre os novos livros de consulta da biblioteca, e um guia completo dos estágios que devem ser seguidos para uma boa pesquisa escolar, conforme publicação no *site* da Revista Nova Escola.<sup>20</sup>

Dentro do indicado acima, nosso *Blog* pode ser visto *on line* conforme as figuras que se seguem.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/como-ensinar-meio-pesquisa-607943.shtml>>. Acesso em: 24 jun. 2012.



FIGURA 1 – Topo da coluna principal: campo i (páginas fixas) e ii (lista de atalhos de sites de conteúdos para pesquisa escolar).

Topo do *Blog*, à direita: campos iv (pesquisa geral) e v (ícones de atalhos para as redes sociais e para o feed de notícias, e embaixo, um ícone de acesso ao formulário de contato).

Coluna direita: elementos vii, (data da última atualização), viii (pesquisa do *Blog* mais abrangente que o topo de página, pois abre no alto, à esquerda do *Blog*, um campo com três opções de busca: nas postagens do próprio *Blog*, na *web* através de atalhos, e na *web* através do nome), ix (tradutor do Google que converte o *Blog* para outros idiomas).

No *Blog* há ícones de atalhos para as redes sociais *Facebook* e *Twitter* (sinalizador v). Eles já pertenciam ao layout original, para indicar acesso ao que seria a extensão do *Blog* nas duas redes citadas. Optamos por não retirá-los, colocando os endereços gerais de todos, por considerar que o uso das redes sociais está universalizado na internet, e que a interatividade gerada é interessante para os alunos e não depõe contra a pedagogia, inseridas que estão no contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's. Junto aos ícones das redes, há também o ícone para o endereço que exhibe as postagens do *Blog* em formato RSS<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <http://feeds.feedburner.com/PesquisandoNaEscola>. Acesso em: 24 jun. 2012.

para leitores assíduos de determinados *blogs* e *sites*, muito usual entre blogueiros, pois concentram a informação de várias fontes, em uma ferramenta de leitura própria.<sup>22</sup> Vejamos:



FIGURA 2 – No alto da coluna principal: campo iii (lista de atalhos para manuais de pesquisa escolar, que servem como roteiro de orientação geral para alunos e professores). No meio da coluna principal: vi (postagem de destaque para a apresentação da biblioteca da escola). Na coluna direita, elementos x (apresentação do *Blog*), xi (apresentação do criador do *Blog*) e xii (marcadores de temas escolhidos para as postagens do *Blog*, com seus respectivos atalhos).

No meio da coluna principal, temos o campo das postagens (*posts*), propriamente ditas, do Blogger. O primeiro post, acerca da biblioteca da escola, contém explicações sobre seu funcionamento, estrutura física e organização do acervo, incluindo exemplos de catalogação para pesquisa. Seguindo a este, temos as demais postagens, conforme a linha do tempo de edição, tratando da prática da pesquisa escolar, como pesquisar, orientações de pesquisa na Internet, e indicações

<sup>22</sup> RSS significa *Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*, é um formato que permite distribuir o conteúdo de *sites* de uma forma padronizada, para que ele seja lido em diversos leitores de notícias. Os endereços que distribuem notícias no formato RSS também são conhecidos como *feeds* (alimentadores de notícias). Existem *feeds* de notícias em outros formatos como RDF e Atom. A vantagem de ler notícias através de RSS é que o leitor pode ter notícias de centenas de páginas diferentes e receber essas atualizações diariamente sem ter de visitar cada um deles, otimizando o tempo. Disponível em: <<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=9741544>>. Acesso em: 24 jun. 2012.



de novas aquisições da biblioteca para consulta e pesquisa, já indicadas nas páginas fixas.

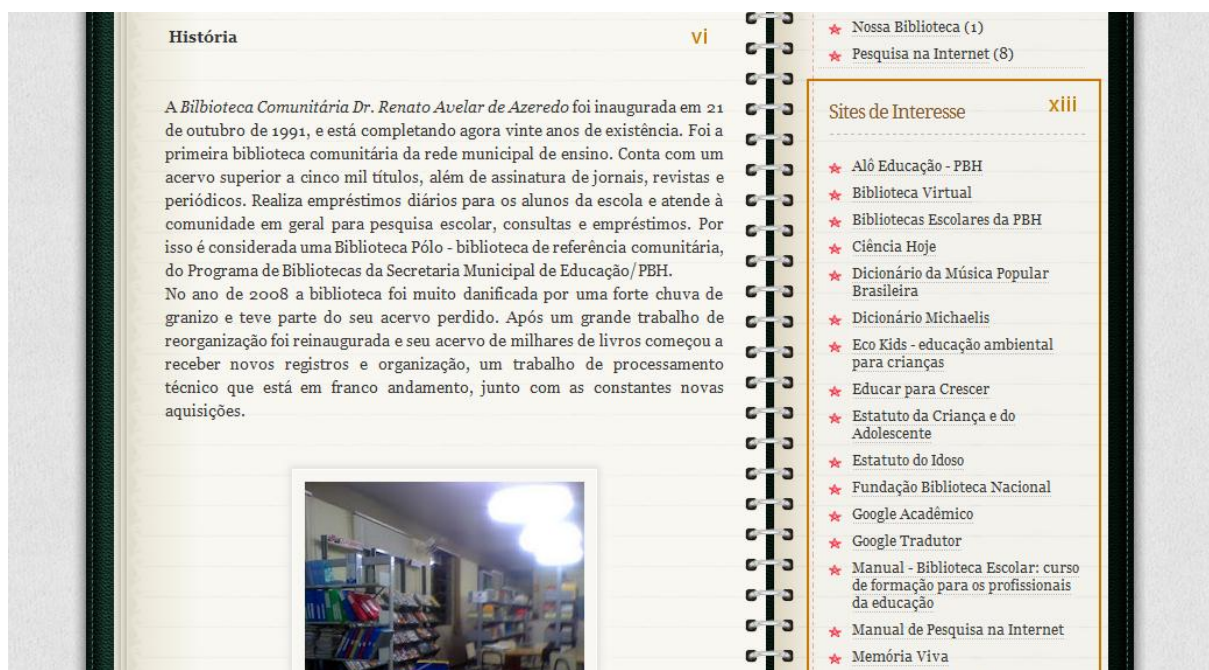


FIGURA 3 – Coluna principal: postagem sobre a biblioteca da escola: história. Na coluna direita: elemento xiii (lista de sites diversos de interesse educativo).



FIGURA 4 – Coluna principal: postagem sobre a biblioteca da escola. Na coluna direita: elementos xiv (destaque para o *Blog da EJA*) e xv (lista de atalhos de *blogs* das escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte).



página fixa 3

## Posts sobre Pesquisa Escolar



Você sabe pesquisar?

[A Educação em tempos de Control C e Control V](#)

[Como identificar fontes confiáveis de pesquisa na Internet](#)



página fixa 4

## Acervo da Biblioteca/Coleções para pesquisa (consulta local)



[Nelson Mandela: o prisioneiro mais famoso do mundo](#)

[Dinos do Brasil](#)



## 5 Etapas para realizar uma boa pesquisa escolar

página fixa 5

### Como ensinar por meio da pesquisa

Importante ferramenta didática para todas as disciplinas, a pesquisa precisa ser mais bem usada em aula. Ao planejá-la e executá-la adequadamente, você possibilita que as crianças e jovens aprendam os conteúdos do currículo, enquanto se tornam estudantes autônomos

Anderson Moco

FIGURA 5 – Páginas fixas do Blog, com os atalhos para as postagens.



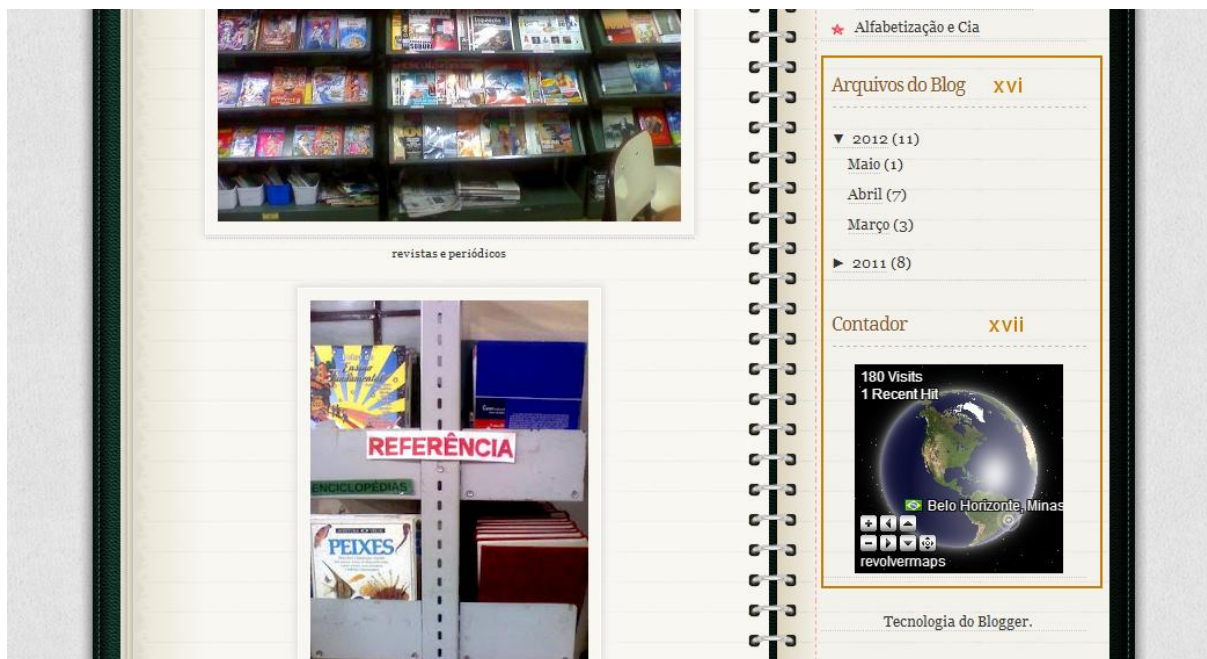


FIGURA 6 – Coluna principal: imagem da postagem sobre a biblioteca da escola. Na coluna direita: elementos xvi (campo de “Arquivos do *Blog*”, que compõe a linha do tempo – datação da publicação das postagens, de uso comum em *blogs*) e xvii (um contador de visitas mundial, para lembrar que na *web* estamos com infinitas possibilidades de conexão).

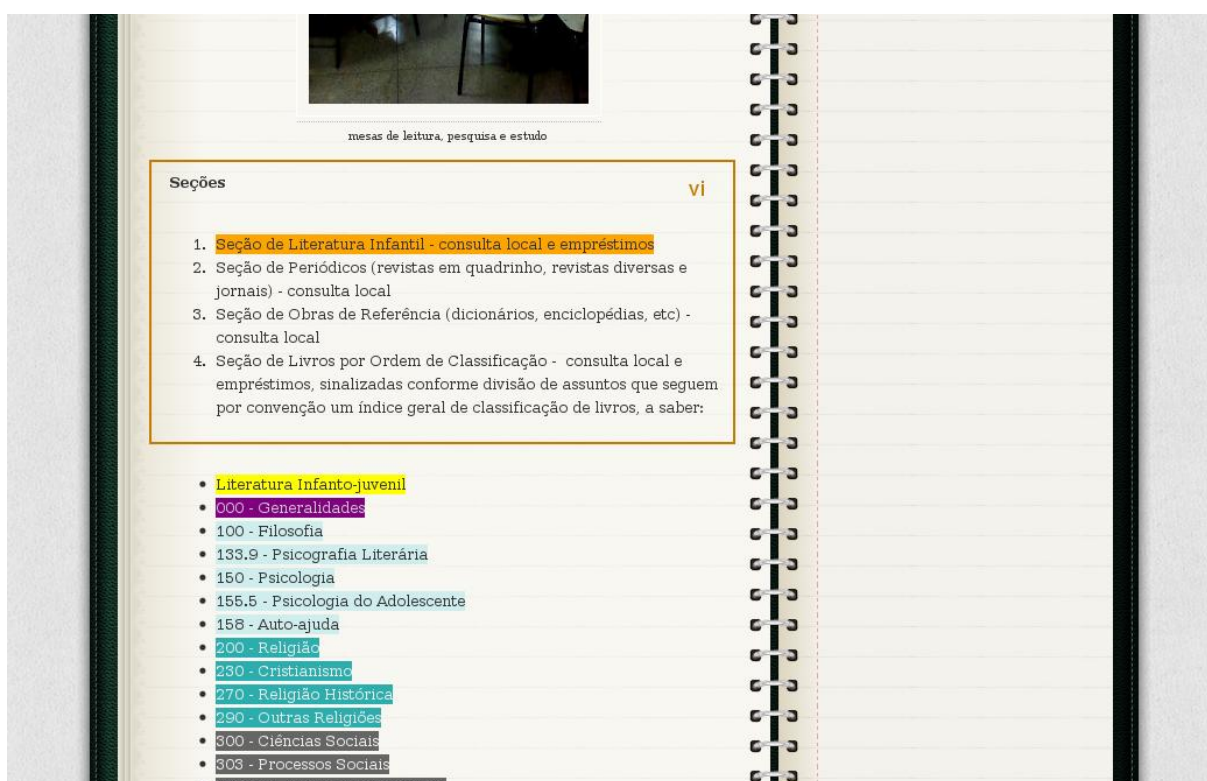


FIGURA 7 – Postagem sobre a biblioteca: organização e localização do acervo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este Plano de Ação sobre pesquisa escolar foi um aprendizado sobre a dimensão da pesquisa em geral. Nas idas e vindas que exige a consecução de um projeto, as reformulações acontecem, coisas que a princípio seriam de um jeito parecem melhor se seguirem outro caminho. Como em um projeto, neste Plano, as revisões foram constantes. A experiência com os alunos apontou limites e possibilidades. Entre alterações, acréscimos e retiradas, procuramos atingir nossos objetivos da melhor maneira possível.

Durante a confecção e edição do *Blog*, passamos a observar, com atenção, quem eram os alunos que compareciam com maior frequência à biblioteca para fazer pesquisa e como se comportavam antes e durante a coleta de informações. No primeiro momento de observação, procuramos não intervir, exceto indicando os livros e autorizando-os a buscarem na internet o que quisessem. Notamos que quase todos pertenciam aos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental e procuravam a biblioteca para realizarem trabalhos em grupo (no máximo em três), e também por não disporem de internet em casa. A tendência natural desses alunos é de, logo após avisarem que irão fazer um trabalho, se dirigirem para o computador ou para as enciclopédias, manuais e dicionários, de maneira independente. Quando se trata de usar o livro didático, é possível perceber certa dificuldade para encontrar as respostas mais adequadas, no caso do trabalho se constituir de perguntas. Somente quando não sabem onde encontrar o assunto nos livros e revistas é que pedem auxílio. Quando iam para o computador, demonstravam familiaridade com o Google e o Wikipédia – segundo eles, por já terem tido aulas de algumas disciplinas no laboratório de informática da escola. Indagados se preferem pesquisar em livros ou na internet, respondem que pela internet é mais fácil e rápido. Eles definitivamente são da geração digital.

Desde que começamos a trabalhar nessa escola, sempre que um aluno nos diz que irá pesquisar sobre um assunto, nossa primeira ação é a de procurar os livros, junto com ele, dando-lhe a chance de percorrer as estantes e ver a organização do acervo. Essa iniciativa visa à familiarização com os lugares em que o aluno poderá



encontrar determinados assuntos relacionados às disciplinas que estuda. Os trabalhos de pesquisa solicitados pelos professores de Ciências, História e Geografia têm os temas mais variados, e muitas vezes não encontramos algo sobre eles no nosso acervo, portanto a internet torna-se um meio eficiente para suprir essas faltas. De nossa parte, muitas vezes temos dificuldade para achar determinado tema em livros, por ainda não conhecermos bem o acervo, e também pela perda de muitos registros de livros por ocasião de uma inundação na biblioteca. A internet nos ajuda a encontrar o autor de um livro solicitado, ou o título de um livro de um autor indicado, para podermos procurar nas estantes, caso não esteja catalogado. Por isso, no nosso *Blog*, os indicativos para “otimizar” nosso trabalho, seja para pesquisar na internet a partir dele mesmo, seja para indicar uma fonte aos alunos, têm se mostrado muito útil.

Por considerarmos que é de grande importância para o aluno saber lidar com diferentes fontes, procuramos incentivar primeiro a pesquisa nos materiais impressos, para só depois complementar com informações da internet. A nossa mediação varia de aluno para aluno, conforme sua necessidade e a característica do trabalho envolvido. Com a experiência proporcionada pelo *Blog*, constatamos que dando atenção aos alunos é que vemos as suas dificuldades. Ao abordá-los, eles passam a nos solicitar mais ajuda, até mesmo para usar o teclado do computador. Para alguns, é preciso orientar como usar os buscadores e orientar sobre *sites*. A dificuldade de encontrar as respostas que buscam na internet pode ser tão ou mais difícil para os alunos que nos livros. Conversar com eles sobre como chegaram a uma página da *web* errada, aproveitando o que encontraram, fazendo um “link” de assuntos é parte do duplo trabalho de mediação proveitosa, que consiste em contribuir na construção do conhecimento e também no letramento informacional.

Nossa intervenção quanto à pesquisa escolar como um todo, por meio do *Blog*, possui todas as limitações citadas anteriormente, pois os alunos chegam à biblioteca, na maioria das vezes, mal orientados e pouco estimulados para um trabalho que quase sempre se trata de uma cópia. É no momento da coleta de fontes que se dá uma interação mais rica com os meninos e meninas, e o nosso atendimento torna-se bem mais individualizado. Ao deixar as relações seguirem de

maneira natural, temos os melhores resultados. A experiência de fazê-los conhecer o *Blog*, para então ver se eles se interessam em utilizá-lo, mostrou que é necessário um tempo a mais, na tentativa de cativá-los. Tem se revelado eficaz, no momento em que indicamos a eles como entrar nos *sítes* de pesquisa, de bibliotecas e dicionários virtuais, a curiosidade em descobrir o quanto de coisas há, na entrada e saída de *links*, ou seja, nos caminhos dos hipertextos.

Um *Blog* em si não é um instrumento acabado, não pode ser estático, pois assim perde a vitalidade com o tempo. Para ser dinâmico, deverá estar sempre atualizado e ir agregando pessoas e sugestões. Nossa intenção é deixá-lo sempre em “aberto” para que os professores possam contribuir com ideias e indicações específicas para sua matéria, de maneira natural, e nesse processo, ajudar a modificar posturas arraigadas, sem gerar desconforto. Por tudo isso, a criação deste *Blog* significa para nós um ponto de partida e não de chegada. Verificamos que podemos contribuir com espontaneidade, orientando os meninos e meninas, mas sem fazer escolhas por eles, ou seja, evitando induções que comprometam a liberdade que faz parte do aprendizado. As indicações de roteiros de pesquisa, por meio de manuais colocados, podem se tornar o estímulo para que um roteiro próprio, construído por todos da escola, possa vir a ser efetivado. O trabalho de envolvimento da biblioteca com a escola é algo que já está sendo construído, a partir das ações cotidianas de intervenção.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, V. L. F. G. Pesquisa escolar. In: CAMPELLO, B. S. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Biblioteca Escolar; 1)
- ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Pesquisa escolar: entre o modelo educacional e a liberdade de pesquisa. In: SILVA, R. J. & BERTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Pollis, 2006. (Palavra-chave; 7)
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BEZERRA, M. A. da C. O papel da biblioteca escolar: a importância do setor no contexto educacional. In: **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/24/24>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- BEZERRA, M. A. da C. A pesquisa escolar nas LDBs e nos PCNs. In: **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-18, dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/15/15>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- BICHERI, A. L. A. de O. & ELLWEIN, S. A. F. Pesquisa escolar na *internet*. In: SILVA, R. J.; BERTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Pollis, 2006. (Palavra-chave; 7).
- CAMPELLO, B. S. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Biblioteca escolar)
- CASTRO, C. A.; SOUSA, M. C. P. de. Pedagogia de Projetos na biblioteca escolar: proposta de um modelo para o processo da pesquisa escolar. In: **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 134-151, jan./abr. 2008. <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a09.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- CARVALHO, M. da C. Internet e pesquisa escolar. In: CAMPELLO, B. S. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 62p. (Biblioteca Escolar; 1)
- COSCARELLI, C. V. O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: mar./abr., 1998, p. 36-45.
- ELLWEIN, S. A. F. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio? In: SILVA, R. J. & BERTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Pollis, 2006. (Palavra-chave; 7).
- GOMES, M. J. *Blogs*: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: A. Mendes, I. Pereira e R. Costa (Eds.), **VII Simpósio Internacional de Informática educativa – SIIE05**. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005. (p. 311-315)
- HALU, R. C.; VIEIRA, S. L. **Utilização de blogs educativos no ensino/aprendizagem de língua inglesa: uma experiência no Colégio Estadual**

**Santa Gemma Galgani.** [S.1; s.n.] [2009?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/348-4.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

KUHLTHAU, C. C. **Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Formação Humana na Escola)

PÉCORA, G. M. M. **Pesquisa na biblioteca escolar: a eficiência de um roteiro.** Campinas: 1998. 115f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

PEREIRA, L. R. & VEIRA, M. L. **Fazer pesquisa é um problema?** Belo Horizonte: Lápis Lazuli, 2000.

SANTOS, G. L. A internet na escola fundamental: sondagens de modos de uso dos professores. In **Revista Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 29, n. 2, p. 303-312, jul./dez. de 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

SILVA, J. A. B. *Weblogs*, múltiplas utilizações e um conceito. In **Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, set. de 2003.** São Paulo: Intercom, 2003. [Cd-rom]. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/4758>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

TOLEDO, A. “Os pais e a escola: um futuro melhor”. **Nova Escola**, 211. ed., Abril de 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/pais-escola-futuro-melhor-508587.shtml>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

VIANA, M. C. M; ALMEIDA, M. O. de. **Pesquisa escolar: uso do livro e da biblioteca.** São Paulo: 1993.

VIANNA, M. M. A internet na biblioteca escolar. In: CAMPELLO, B. S. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Biblioteca Escolar; 1)